
Geraldo Holanda Cavalcanti. *Memórias de um tradutor de poesia*. Organização Andréia Guerini e Dorothee de Bruchard. Florianópolis: NUT/Escritório do Livro, 2006, 124 pp.

Acaba de sair o quinto volume da coleção *Memória do Livro*, uma co-edição do Núcleo de Tradução (NUT) da Universidade Federal de Santa Catarina com o Escritório do Livro, com o título *Memórias de um tradutor de Poesia com Geraldo Holanda Cavalcanti* (124 páginas, R\$ 20,00). Neste pequeno volume, organizado por Andréia Guerini e Dorothee de Bruchard, o poeta-tradutor-diplomata fala de sua trajetória intelectual e profissional, seus começos na poesia, sua convivência com grandes escritores, como ele também diplomatas: João Cabral e Guimarães Rosa, e, sobretudo, compartilha com o leitor suas reflexões acerca da tradução de poesia, fruto de sua experiência ao longo dos anos no ofício que é, segundo suas próprias palavras, marcado por estigmas. *Memórias de um tradutor de Poesia* é o resultado de sua passagem por

Florianópolis, em agosto último, a convite da Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina.

Um dos tradutores mais respeitados do país, Geraldo Holanda Cavalcanti começou a traduzir por necessidade, no desejo de entender da maneira mais vertical possível a obra de um autor estrangeiro. Claro está que seu gosto e afinidade pelas letras, desde menino, e sua convivência com as mais diversas línguas estrangeiras, por conta de sua profissão de diplomata, foram também determinantes, tanto para o poeta, quanto para o tradutor. Mas a necessidade, o acaso e a determinação também tiveram papel de destaque no nascimento desse tradutor: ainda Embaixador junto à UNESCO, tendo sido apresentado com as obras completas de dois grandes poetas italianos, Salvatore Quasimodo e Eugenio Montale, começou a traduzir para entender o que lia. Ele lembra Paulo Rónai, uma das grandes figuras da tradução no Brasil, que dizia ser a tradução o melhor, e talvez o único, meio eficaz de penetrar no verdadeiro sentido de um poema. Partindo da mais básica necessidade de entender o que lia, Holanda Cavalcanti passou a reconstruir em

sua própria língua um texto poético que o tivesse tocado particularmente.

É o que nos conta, em sua modestia, o poeta-tradutor. Mas qualquer um que conheça minimamente os meandros da tradução de poesia sabe que traduzir Salvatore Quasimodo, um poeta por vezes impenetrável, exige mais do que entender e reconstruir seu texto em outra língua. De fato, Holanda Cavalcanti, além de um rigoroso exame formal da poética de seu autor, busca uma interpretação que não signifique banalização ou simplificação do texto poético. Mais do que a fidelidade semântica, é a fidelidade poética que exercita este tradutor que, depois de Quasimodo, volta-se para dois outros grandes nomes da poesia italiana do século XX: Eugenio Montale e Giuseppe Ungaretti. Pela tradução de Montale, publicada pela Record em 1997, Holanda Cavalcanti recebeu o Premio Internazionale Eugenio Montale, o mais prestigioso prêmio de tradução de poesia italiana em língua estrangeira, o que colocou seu nome ao lado dos melhores tradutores do poeta em todo o mundo. Por suas traduções de Salvatore Quasimodo recebeu, em 1999, o Prêmio Pau-

lo Rónai de Tradução, concedido pela Fundação Biblioteca Nacional. Entre os italianos há ainda Umberto Saba, ainda inédito e, em 2000, publicou, em edição bilingüe, o poeta uruguaio Álvaro Mutis, mais conhecido entre nós como romancista.

Em 2005 sai pela EDUSP *O Cântico dos Cânticos: um ensaio de interpretação através de suas traduções*. A obra é de vulto, são 552 páginas, das quais 238 constituem-se de comentários, uma notável obra de erudição que propõe, como o autor faz questão de sublinhar, uma tradução filológica, e não poética, desse controverso poema bíblico. O livro é um ensaio, como aliás indica o título, estudo rigoroso com abundantes notas e diversos índices remissivos, que por sua abrangência no universo dos aspectos tratados não encontra provavelmente similar entre os inúmeros livros que já se publicou sobre o assunto.

Inegável, portanto, a contribuição de Holanda Cavalcanti para a literatura traduzida no Brasil, sobretudo para a poesia. E, muito embora sua obra poética e sua carreira diplomática tenham também destaque neste pequeno livro-depoimento, dois outros textos que

complementam o volume são de especial interesse para aqueles, leigos ou estudiosos, que se interessam pelo campo específico, e tantas vezes ardiloso, da tradução poética. São eles *Da Tradução - Glória, Prazeres e Vicissitudes de uma Profissão* e, o segundo, *Os Perigos da Tradução Literária por Língua Interposta: O Caso de L'Anguilla, de Eugenio Montale*. No primeiro, o poeta-tradutor expõe suas reflexões sobre este desafiante exercício de transcrição que é a tradução, à luz de teorias atualmente importantes no campo da tradução literária, o que testemunha de sua posição atenta no que concerne às mais variadas posições teóricas. Ele salienta as distinções entre traduzir prosa e poesia e marca sua posição, colocando que o problema capital da tradução de poesia hoje é aquele da importância da forma frente ao conteúdo. O segundo texto é uma análise que faz Holanda Cavalcanti de algumas soluções encontradas em várias traduções do poema "A Enguia" de Montale para o francês e o inglês, traduções, aliás, realizadas por renomados tradutores. Os riscos, segundo ele, de o tradutor desviar-se para soluções equivocadas é imenso, tanto mais

quando se trata de tradução por língua interposta. Assim, ele salienta, que um belíssimo poema, como é o caso de "A Enguia" de Montale, considerado por muitos como um dos mais belos poemas do século vinte, pode ver-se reduzido a um "borrão incapaz de reproduzir a centelha contida no original".

Por fim, o depoimento de Geraldo Holanda Cavalcanti é também importante por revelar sua posição crítica, porém não desencantada, sobre a tradução e a essencialidade do trabalho do tradutor. Ele lembra que 60% das obras de todos os gêneros publicadas no Brasil são traduções e que o tradutor é o elo indispensável para a ampliação do horizonte intelectual dos falantes de uma língua. É, segundo ele, o constante fluir de idéias entre as distintas culturas que permite que estas rejuvenesçam e incorporem novas formas de expressão, pois o que sempre foi verdade hoje se sente mais do que nunca: nenhuma cultura se basta com o que produza de forma autóctone.

Cláudia Borges de Faveri
UFSC